outro naturalista inglês, Wallace, ter chegado a conclusões semelhantes às de Darwin sôbre a mutabilidade das espécies, o lançamento da obra dêste se teria adiado por mais uns dez ou vinte anos.

O autor da teoria da seleção natural sabia muito bem que êsse mecanismo, se bem que fundamental, é insuficiente para explicar o processo da formação das espécies. Na época em que seu livro saiu à luz nada se sabia das leis fundamentais que regem a hereditariedade. Eram os dias em que Mendel realizava as experiências que resultariam no conhecimento dessas leis. Nelas se alicerça a ciência da Genética, um dos ramos mais complexos da Biologia atual. Os dados da Genética, associando-se aos princípios darwinistas, e modificando-os em parte, vieram fundamentar a moderna teoria da evolução. Brigitte Hanke teve o cuidado de explicar, resumidamente, a maneira pela qual as pesquisas sôbre a hereditariedade em plantas em animais se ligam às idéias do naturalista inglês.

Não há dúvida de que o livrinho contribuirá bastante para uma compreensão mais justa da personalidade de Darwin e uma avaliação melhor de sua obra científica.

Egon Schaden

P. FR. ANSELMO SCHERMAIR E.: **Vocabulario Sirionó-Castellano**. Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft. Sonderheft 5. (Im Selbstverlag des Sprachwissenschaftlichen Seminars der Universität Innsbruck. 507 págs. Innsbruck, 1958.

O "Vocabulário Sirionó-Castellano" de Fr. Anselmo Schermair, dedicado ao 33.º Congresso Internacional de Americanistas, vem contribuir de maneira apreciável para o estudo dos dialetos do tupí-guaraní, cuja bibliografia, infelizmente, é bastante falha, quando confrontada com a riqueza da literatura do tupí e do guaraní dos primeiros séculos. O autor viveu mais de vinte anos de vida em comum com grupos nômades de Sirionó (Bolívia), ainda sem contactos acentuados com os brancos, e falando a sua língua primitiva. Tendo adquirido conhecimento profundo dêste dialeto, e desejoso de facilitar os serviços dos missionários europeus na faina de catequese, preparou êste copioso vocabulário bilíngüe e já tem pronto para publicação o vocabulário reverso (castellano-sirionó), além de uma gramática da língua, citada freqüentemente em grande número de verbetes.

A obra é das mais completas no seu gênero, pois compreende tôda classe de noções e nomes: plantas e sua utilização, animais com seus hábitos e características; doenças; parentesco, costumes, crenças etc. Através dos minuciosos verbetes, o autor não nos dá sòmente uma magnífica noção da estrutura da língua, remontando às suas raízes, mas desce a detalhes atinentes à flexibilidade ou elegância de formas, além de esclarecer peculiaridades fonéticas. Se o filólogo tem no "Vocabulário" de Fr. Schermair um verdadeiro manancial para os estudos dos dialetos tupí-guaraní, o etnólogo, por sua vez, também nêle encontrará informes dos mais valiosos sôbre diferentes aspectos da cultura dos Sirionó, incluídos em abono do conceito do vocábulo. Alguns exemplos, colhidos entre centenas de outros contidos no "Vocabulario", servirão para ilustrar nossas palavras:

— **ikwã** — lo que vive en el agua — es un animal fabuloso que, según las creencias de los Sirionós, vive dentro del agua de ciertas lagunas

(de ahí su nombre). Allí tiene sus "casas", hechas de hojas de palmera llamada "motacú". Los indios consideran a este animal como hombre-animal; dicen que tiene cabellos largos; que anda erecto como persona; que tiene pechos como mujer; que persigue a hombres para matarlos.

— **iratey** — árbol que causa dolor; árbol grande (llamado "ochoo"); tiene muchas espinas; su corteza contiene un jugo muy venenoso para los ojos; este jugo blanco sirve también para extraerse dientes enfermos, sin sentir dolor; sale a los dos o tres días el diente.

— **inãkõ** — especie de canasto grande que los Sirionós usan para llevar utensilios y cargas; lo dicen también "panacu" (Guarayismo).

Tais exemplos, supomos, deixam patente a maneira pela qual o autor orientou a redação dos verbetes, e quão preciosas são as suas informações. Todavia, ao lado destas qualidades positivas da obra, encontramos um aspecto inteiramente problemático, qual seja o da penetração do autor no campo da etimologia, no afã de "descifrar todas las palabras bisilábicas e polisilábicas para descubrir las raíces de que estuvieran compuestas". Se, por uma parte, os seus esforços em tentar atingir êste objetivo merecem louvores, por outro lado não é menos verdade que devem ser acatados com certa cautela, pois, conforme suas próprias palavras, **teve que dirigir aos índios** incontáveis e intermináveis perguntas; teve que examinar crìticamente as respectivas respostas e fazer rigorosas reflexões para poder formar, por último, deduções escrupulosas e irrefutáveis. Embora afirme que procedeu com absoluta crítica e até com ceticismo, pondo à margem tudo o que se lhe afigurava duvidoso, não desejando afirmar senão o certo e incontestável, não sabemos até que ponto as informações dos índios podem ser tidas como fidedignas. Aliás, o próprio autor reconhece que nem sempre a explicação dada pelos índios merece totalmente fé. Veja-se, p. ex., o verbete **a-ndua,** no qual, ao lado da significação ("hacerlo venir todo, a saber: a la memoria") encontramos a seguinte ressalva: "pero esta explicación dada por los mismos indios, no me satisface, ni me convence". Melhor teria sido, parece-nos, que o autor se tivesse limitado a dar o(s) significado(s) das palavras; o seu emprêgo na frase (como, aliás, o fêz de maneira brilhante); o uso correto desta ou daquela partícula etc., sem penetrar no campo etimológico.

Não queremos com isto dizer que as suas deduções sejam errôneas, mas ùnicamente salientar o fato de que sempre poderão existir dúvidas quanto à gênese dêste ou daquele vocábulo, principalmente considerando-se que o sirionó é um dialeto da grande família tupí-guaraní e que muitas das etimologias apresentadas pelo autor não encontram confirmação em outros cultores da língua (V., p. ex., Antonio Ruyz de Montoya e Batista Caetano de Almeida Nogueira). Além do mais, parece-nos que Fr. Schermair, para justificar muitas das suas deduções, partiu do principio de que os vocábulos foram "criados" pelos Sirionó, baseando-se em fatos relacionados com os padrões de comportamento dêstes índios. Os exemplos seguintes tornarão patente o que vimos afirmando:

— **a-karu** — traer algo agradable (a la boca); comer (en sentido absoluto).

— **karu** — tarde; en la tarde; tiene este sentido porque los Sirionós suelen comer en la tarde, cuando regresan de sus cacerías; durante el día se dedican a la caza, y en la tarde (casi al anochecer) se reunen a tomar su verdadera comida.

— **ñeenda** — lugar en que se habla, camino; la palabra **ñeenda** tiene este significado por la siguiente razón: los Sirionós casi siempre andan

por las selvas muy espessas y tupidas que no permiten ver muy lejos; logicamente, ven siempre y en todas partes peligros (sea de parte de dieras sea de parte de otros indios salvajes, enemigos suyos); por eso guardan el silencio más absoluto quando estan en plena selva, por donde vagan en sus cacerías; solamente cuando llegan a puntos más seguros y por donde tienen sus caminos se atreven a hablar; o con otras palabras: donde no hay peligro, se puede hablar; y, por donde no hay peligro, hay caminos.

— **e-resa** — es todo; todo el ser; sentido y explicación que me han dado los indios: en los ojos o en la vista está concentrada toda la vida; los ojos son lo más necesario para la vida; ojos, vista.

— **egatoguti** — c. (probablemente): **egato** + **guti:** "egato" amor que tiene su sede en el corazón, que se encuentra en el lado isquierdo del cuerpo; entonces sería la traducción literal: "por el lado del amor (= corazón), lado isquierdo.

Não há dúvida, como êstes poucos exemplos deixam patente, que as deduções do autor devem ser acatadas com reservas.

Escoimada dêste aspecto, a obra de Fr. Schermair, reafirmamos, é de valor incontestável, e será de consulta obrigatória a todos os estudiosos do tupí-guaraní.

Carlos Drumond

ESTÊVÃO PINTO: **Muxarabis & Balcões e outros ensaios.** 362 págs., edição ilustrada. Brasiliana, vol. 303. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1958.

Justifica-se plenamente a decisão de Estêvão Pinto de reunir neste livro uma série de artigos e ensaios anteriormente publicados em revistas nacionais e estrangeiras. E' que as contribuições para a Antropologia brasileira, notadamente as que tratam de nossas populações aborígenes, estão, em sua maioria, espalhadas em periódicos de acesso nem sempre fácil, o que não raro significa grande perda de tempo para quem as precise consultar. O recente volume da Brasiliana deve, pois, ser recebido com aplausos. Nêle se enfeixam, além do trabalho "Muxarabis e balcões", que dá o título ao conjunto, os seguintes ensaios etnológicos e histórico-biográficos: Dados históricos e etnológicos sôbre os Pancararu do Taracatu (remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco), Sincretismo religioso afro-brasileiro, Primitivo e linguagem, O Arroz e os Tupiniquim da baía Cabrália, A "santidade", Práticas medicinais dos Tupí-Guaraní, Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas, Alguns ritos característicos dos Tupinambá do Brasil, Um mito cosmogônico dos Tupinambá, Introdução à história da Antropologia indígena no Brasil, Tendências atuais da Antropologia; O inglês "Henrique da Costa", Um homem que viveu a jogar com o destino, Um apaixonado do Recife antigo. Em alguns dêstes trabalhos os temas são tratados de forma relativamente sistemática, outros se reduzem a ligeiras observações sôbre o assunto.

Escritos em épocas diversas, vários dêles tiveram de ser atualizados, o que o autor procurou fazer através de notas no fim dos respectivos capítulos. E' claro que não se haveria de exigir que reescrevesse os textos para pô-los em dia. Caberia, porém, uma revisão mais cuidadosa, a fim de se eliminarem os lapsos principais.

Nem sempre, o que é inevitável, o leitor acompanhará o autor em suas conceituações ou interpretações. O muxaribi, tipo de balcão comum